

## Planos de Aula em Educação Financeira: Praticando a BNCC

### Lesson Plans in Financial Education: Practicing the BNCC

Silvia Helena da Silva e Souza<sup>a</sup>; Arthur Gonçalves Machado Júnior<sup>\*a</sup>

<sup>a</sup>Universidade Federal do Pará. PA, Brasil.

\*E-mail: [agmj@ufpa.br](mailto:agmj@ufpa.br)

---

#### Resumo

Este artigo apresenta as práticas pedagógicas em Educação Financeira que foram desenvolvidas com alunos do 3º ano do ensino fundamental em escola pública da periferia de Belém-Pará. São atividades pensadas para compor a sequência didática sobre educação financeira apresentada como produto da dissertação “Retirado para não identificar”. Essas atividades fundamentaram-se nas competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como a empatia, a cooperação, o pensamento científico, crítico, criativo e a investigação, focando nos objetivos de aprendizagem dos conteúdos como as quatro operações matemáticas; nas situações do cotidiano; na argumentação para negociar um produto ou para solucionar um problema. No sentido de formar, integralmente as crianças, isto é, formar um cidadão com competência para administrar seu dinheiro e com capacidade para consumir conscientemente, sabendo a hora de dizer não às seduções do consumo.

**Palavras-chave:** Sequência Didática. Prática. Consumo.

#### Abstract

*This article presents the pedagogical practices in Financial Education that were developed with students of the 3rd year of elementary school in a public school in the periphery of Belém-Pará. They are activities designed to compose the didactic sequence on financial education presented product of the dissertation “Retirado para não identificar”. These activities were based on the general competences of the National Curricular Common Base (BNCC) as empathy, cooperation, scientific, critical, creative thinking and research, focusing on content learning objectives such as the four mathematical operations; in everyday situations; in arguing to negotiate a product or to solve a problem. In the sense of integrally forming the children, that is, forming a citizen with competence to administer their money and with capacity to consume consciously, knowing the time to say no to the seductions of the advertisements.*

**Keywords:** Didactic Sequence. Practice. Consumption.

---

#### 1 Introdução

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) define Educação Financeira como o processo pelo qual consumidores e investidores melhoram seu conhecimento de produtos e conceitos financeiros. Isso por meio do uso consciente das informações, instruções e/ou aconselhamentos, que possibilitam a aquisição de habilidades e o estabelecimento da confiança das pessoas para se tornarem mais conscientes dos riscos e oportunidades envolvidos em qualquer transação financeira.

Entender das finanças é fazer a leitura do cenário econômico para compreender que a estabilização econômica aumenta a disponibilidade de crédito, assim como a desestabilização da economia pode provocar o risco de endividamento para quem toma um empréstimo, por exemplo. Especialistas em economia e finanças alertam que o entendimento da utilização de um crédito é necessário aos cidadãos. Assim sendo, o contrato de qualquer operação financeira deve passar por um processo de análise das características do produto: prazos, taxas, limite.

Portanto, tão importante quanto à disponibilidade do crédito que estimula a economia em decorrência do aumento do consumo é a orientação e compreensão dos consumidores dos riscos de endividamento inerentes à utilização exacerbada do dinheiro.

D'Aquino (2008) considera que o desemprego, a má gestão do orçamento, além da dificuldade de elaborar um planejamento de longo prazo que envolva receitas e despesas previstas, provocam o endividamento ou superendividamento da sociedade de massa, cujo consumo é cada vez mais incentivado por publicidades agressivas, que criam na mente do consumidor as falsas necessidades.

Neste cenário de consumismo, gestado pelo marketing midiático, muitos consumidores se transformam em marionete do marqueteiro e sob esta influência compram sem planejamento prévio, fazendo uso do controle mental de seus gastos, em uma contabilidade em que impera o imediatismo: comprar quando a parcela cabe no orçamento, quando há limite no cartão de crédito, no cheque especial etc. Desse modo, a mercê do consumismo, a pessoa é incentivada a comprar, na

engrenagem rotativa do crédito ofertado pelas financiadoras.

Nas últimas décadas, houve um grande progresso no sistema educacional brasileiro, porém este ainda precisa evoluir muito. O desenvolvimento do Brasil passa obrigatoriamente pela produção de conhecimentos, pela Educação, e cabe a ela, como nos alerta Piletti (1994, p.162), “assumir um compromisso prático com a eliminação da miséria e a construção de uma sociedade mais justa”, pois sem ela não se terá cidadãos críticos e criativos, que sejam pessoas capazes de não serem manipuladas ou condicionadas a um sistema.

O cenário da falta da educação financeira se agrava ainda mais quando o alvo do consumo passa a ser as crianças. Bock, Furtado & Teixeira (2001, p.98), destacam que “existem formas de perceber, compreender e se comportar diante do mundo, próprias de cada faixa etária”, em outras palavras, em se tratando de crianças, é necessário que seja fornecido o ensinamento daquilo que elas sejam realmente capazes de compreender, considerando sua idade e nesse processo as orientações financeiras ganham espaço no cenário educacional, já que o próprio acesso as tecnologias digitais promoveu também o acesso às influências midiáticas que oferecem às crianças suas fábricas de produtos e possibilidades de consumo, então, a transformação da criança em consumidor é feita precocemente pelas redes sociais, que expõe a criança a todo tipo de propaganda, portanto, ao consumo.

Desse modo, a inserção de conteúdos de Educação Financeira nas escolas busca levar o conhecimento sobre o modo como lidar com o dinheiro ainda na educação infantil, pois as crianças também estão mergulhadas nesse contexto de consumismo e, em muitos casos, podem influenciar os pais ao consumo. Essa influência da criança pode ser usada para ajudar os pais a pensar sobre o consumo e sobre a melhoria na qualidade de vida, pois a criança informada e consciente do que seja saudável financeiramente, pode auxiliar os pais a conviver melhor com o dinheiro. Na escola, é possível os alunos aprenderem a fazer orçamento familiar, planejar as despesas e administrar as receitas e tomar decisões mais acertadas na hora de consumir. É importante que o tema da educação financeira pulverize o espaço da sala de aula de modo a considerar o próprio cotidiano das crianças. Considerando que a educação financeira faz parte do Componente Matemático, iremos no tópico seguinte tratar esse tema à luz da BNCC.

## **2 BNCC: o Componente Matemático na Educação Básica**

A BNCC traz para o centro das discussões direitos e objetivos de aprendizagem relacionados à quatro áreas do conhecimento - Ciências da Natureza, Ciências Humanas, Linguagens e Matemática - e seus respectivos componentes curriculares para todas as etapas da educação básica (Brasil, 2017). São os famosos “conhecimentos fundamentais”, pensados para assegurar o direito à aprendizagem a todos os estudantes, como se destaca abaixo:

A BNCC é constituída pelos conhecimentos fundamentais aos quais todo/toda estudante brasileiro deve ter acesso para que seus direitos à Aprendizagem e ao Desenvolvimento sejam assegurados. Esses conhecimentos devem constituir a base comum do currículo de todas as escolas brasileiras, embora não sejam, eles próprios, a totalidade do currículo, mas parte dele. Deve-se acrescer à parte comum, a diversificada, a ser construída em diálogo com a primeira e com a realidade de cada sistema educacional sobre as experiências e conhecimentos que devem ser oferecidos aos estudantes e às estudantes ao longo de seu processo de escolarização (Brasil, 2017, p.13).

Como aponta a citação, o que se propõe são sugestões, ou seja, possibilidades de se “sinalizar percursos de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes ao longo da Educação Básica”, BNCC (Brasil, 2017, p.8). Em relação ao componente Matemática, destaca-se o duplo papel desempenhado na organização curricular: a) como área de conhecimento; e, b) como componente curricular.

Segundo o documento da BNCC, essa articulação “possibilita a apropriação por crianças, jovens e adultos de diferentes linguagens, além da interpretação de fenômenos e dos processos naturais, dos processos sociais e dos processos culturais”, que resultam na habilidade para o enfrentamento de problemas práticos, para argumentação e ainda para a tomada de decisões seja em âmbito individual seja em âmbito coletivo (Brasil, 2017, p.12).

O componente curricular matemática, na BNCC está estruturado em cinco eixos: Geometria, Grandezas e Medidas, Estatística e Probabilidade, Números e Operações, Álgebra e Funções (Brasil, 2017). Nessa estruturação, o conhecimento matemático equipara-se ao conhecimento como linguagem que, “em diálogo com outros conhecimentos, amplia a compreensão do homem em relação ao mundo físico e social, aspecto que permite a resolução de situações-problemas e transformação da realidade” (Pinto, 2017, p.5).

Segundo Pinto (2017), isso se deve ao fato de que o conhecimento matemático no documento da BNCC é visto sob três perspectivas: a epistemológica, a crítica e a histórico-cultural. A perspectiva epistemológica se faz presente pelo fato do documento apresentar o próprio estudo científico da matemática e seus desdobramentos; o viés da perspectiva crítica aparece quando se postula que “a matemática assume um papel fundamental para o pleno acesso dos sujeitos à cidadania”; a abordagem histórico-cultural também surge quando se declara que “o conhecimento matemático é fruto da busca, pelo ser humano, de respostas a problemas que a sociedade lhe apresenta em suas práticas sociais” (Brasil, 2017, p.127).

A expressão “práticas sociais” que também aparece em outras partes do texto da BNCC sempre ligada à questão de um conhecimento que nasce da atividade humana e, ao longo do tempo, passa a ser sistematizado como conhecimento científico. Segundo as orientações expressas no documento, o sucesso do aluno em Matemática depende de sua habilidade de atribuir significado aos conceitos apreendidos na escola,

por isso é importante que as atividades sejam desenvolvidas considerando-se a contextualização dos problemas (Brasil, 2017).

Pinto (2017, p.7) acredita que “a perspectiva crítica não é aprofundada ao longo do texto, resvalando, em algumas partes, para uma concepção que se aproxima de um idealismo”. No próprio documento da BNCC, existem ressalvas mostrando que a matemática trabalha com objetos abstratos e que somente são acessados por meio de suas representações (Brasil, 2017, p.128).

A Base Nacional Comum Curricular, no trato do componente matemático, em seu texto introdutório, traduz-se, segundo Pinto (2017, p.7-8) “em uma visão universalista e de totalidade do conhecimento matemático, constituindo-se uma ciência caracterizada pelo rigor e formalismo da linguagem”. Neste sentido, um olhar rápido sobre o componente matemático na BNCC deixa entrever que não houve mudanças a não ser a terminológica, pois os antigos eixos passam a se chamar unidade temática, os conteúdos objetos do conhecimento e os objetivos habilidades. Mas quando se faz uma análise mais detalhada das propostas, observa-se que houve bastante mudanças, principalmente, em termos de enfoque do que deve ser priorizado, pois enquanto os currículos anteriores estavam pautados na formação para o mundo do trabalho, a BNCC enfatiza bastante o desenvolvimento de Competências (Brasil, 2017).

Essa mudança de perspectiva, vai significar - para cada professor e para cada escola - a necessidade de repensar com muito cuidado seu currículo, uma vez que a BNCC (Brasil, determina os conteúdos essenciais que os alunos devem aprender a cada ano, mas não define o método, que é ele que de fato vai levar ao desenvolvimento de habilidades de maior complexidade e significação (Brasil, 2017).

No que diz respeito ao conteúdo, no componente matemático, os especialistas alertam que vale a pena citar a criação do eixo álgebra, que passa a ser ministrada desde o 1º ano e uma mudança no eixo tratamento da informação que agora se denomina eixo unidade temática probabilidade e estatística. Certamente a álgebra do ensino fundamental vai exigir do professor algum estudo e aprofundamento, pois não se trata apenas de ensinar a calcular, mais do que está por trás do que existe entre as operações.

Outra mudança que vale a pena destacar é a geometria no ensino fundamental 2, há uma ênfase maior a partir do 7º ano do trabalho com plano cartesiano e com a geografia das transformações, que muitos professores não tiveram se quer em sua formação inicial, isso vai exigir aprofundamento e estudo. Embora o tópico da resolução de problemas já constasse nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a diferença

é que no texto dos PCN a metodologia de ensino é sugerida. Agora a resolução de problemas é macro competência, que a Matemática tem de assumir como sua, além desta há uma ênfase também na investigação, criação de projetos e na modelagem. Tudo isso vai exigir dos professores ajustes, principalmente na forma de ensinar.

Na BNCC, a ênfase está no Letramento matemático, ou seja, a matemática em uso, a matemática da resolução de situações e não a matemática das técnicas e das fórmulas. Para isso, é preciso investir em atividades que envolvam o raciocínio, a comunicação, a representação e nesse sentido a resolução de problemas e a investigação são as ferramentas para alcançar o letramento matemático. É importante ressaltar que na construção do currículo sejam das secretarias ou nas escolas é preciso um cuidado com a progressão, pois a matemática sofreu poucas mudanças, porém mudanças significativas (Brasil, 2017).

No texto da BNCC, percebe-se uma preocupação com expectativas mais altas: a probabilidade é um exemplo que começa nas séries iniciais; a probabilidade no ensino fundamental nas séries finais, antecipa alguns conhecimentos que usualmente seriam do ensino médio; a geometria também ganha uma dimensão diferente daquela que é tratada hoje, inclusive com o plano cartesiano já a partir do 3º ano do fundamental, como já citado, uma outra mudança que também impacta na progressão das séries é a álgebra do ensino fundamental 2 quando há menor ênfase no cálculo algébrico e maior preocupação em desenvolver nos alunos noção de variação (Brasil, 2017).

Na BNCC, as habilidades estão expressas como aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos alunos nos diferentes contextos escolares. Para o aluno do 1º ano, uma das habilidades é utilizar números naturais como indicador de quantidade ou de ordem em diferentes situações cotidianas e ainda ser capaz de reconhecer situações em que os números não indicam contagem nem ordem, mas códigos de identificação. No 3º ano, o aluno deve ser capaz de associar figuras geométricas espaciais como cubo, blocos retangulares, cones e esferas e nomear essas figuras. Luciana Tenuta<sup>1</sup> (sala de professores SAS/Matemática na BNCC, 2017)<sup>2</sup> ressalta que desde os PCN já há orientações, mas muito pouco mudou em termos de prática pedagógica. Com a BNCC, o que ocorreram de significativas foram as mudanças dos eixos, que agora passam por todos os anos do ensino fundamental, o que pode promover a interligação entre os conteúdos, o que já era proposto na versão dos PCN (Brasil, 1999, 2017).

Para Luciana Tenuta, consultora na área de formação de professores em Matemática do ensino fundamental e médio da revista Nova Escola “diferentemente, do que aconteceu com

1 Luciana Tenuta: é graduada em Matemática pela UFMG e mestre em Ensino de Matemática pela PUC/MG. Atuou como professora no Ensino Superior por 11 anos. Foi supervisora do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) na UFMG entre 2014 e 2015 e, desde 1996, atua como consultora em pesquisas relacionadas à formação de professores junto às redes de educação públicas e privadas.

2 <https://www.youtube.com/watch?v=OVZ-9FPCL4k>

os PCN (Brasil, 1999) onde o contexto passou a ser indicado apenas nas situações de uso, situações do cotidiano, com a BNCC (Brasil, 2017), a matemática passa a ser inserida em um contexto puramente matemático”. Para ela, um bom exemplo é o trabalho com as medidas relacionadas à área da informática cujo ensino necessita de conhecimentos específicos da matemática. Assim na BNCC, para o ensino do componente matemático valoriza-se a capacidade de raciocinar, comunicar e expressar o conhecimento matemático, evidenciando uma dimensão formativa associada ao campo da linguagem (Brasil, 2017).

A Matemática no ensino fundamental deve garantir que o aluno seja capaz de recorrer aos conhecimentos matemáticos para compreensão e atuação no mundo. Para isso devem ser mobilizados diversas competências do campo da matemática como raciocinar, representar, comunicar e argumentar, buscando os conhecimentos matemáticos para resolver problemas nos mais diversos contextos, os quais devem ser desenvolvidos com base em oito competências específicas em articulação com as 10 competências gerais expressas na BNCC (Brasil, 2017).

### **3 BNCC: Abordagem Pedagógica para o Ensino Fundamental**

Do mesmo modo que a BNCC da Educação Infantil, a BNCC Ensino Fundamental - Anos Iniciais e Finais deve ser implementada nas escolas de todo o Brasil até o ano de 2020. Mas a partir de 2019, as mudanças já devem começar a aparecer nos materiais didáticos, nos Projetos Políticos Pedagógicos das instituições e na rotina escolar como um todo.

Por isso é fundamental compreender como a BNCC se faz presente no dia a dia das escolas e em cada segmento da Educação Básica. Diferente da Educação Infantil, a proposta para o Ensino Fundamental - Anos Iniciais é a progressão das múltiplas aprendizagens, articulando o trabalho com as experiências anteriores e valorizando as situações lúdicas de aprendizagem (Brasil, 2017).

O documento ao prever novas formas de relação dos educandos com o mundo, nesse nível de ensino, chama atenção para o respeito a autonomia, a compreensão das mudanças no processo de desenvolvimento da criança, a afirmação de sua identidade. Para isso, propõe o estímulo ao pensamento lógico, criativo e crítico, bem como a capacidade de perguntar, argumentar, interagir e ampliar sua compreensão do mundo. Além disso, deve assegurar, ainda, um percurso contínuo de aprendizagens e uma maior integração entre as duas etapas do Ensino Fundamental (Brasil, 2017).

Dessa forma, a BNCC Ensino Fundamental - Anos Iniciais contempla a primeira etapa do segmento, bem como estudantes e professores do 1º ao 5º ano, enquanto os Anos Finais contemplam alunos e professores do 6º ao 9º ano. Por fazerem parte de uma Base Comum, tanto o Ensino Fundamental - Anos Iniciais quanto o Ensino Fundamental

Anos Finais possuem vários pontos em comum para garantir o percurso de aprendizagem contínuo, como a divisão por áreas do conhecimento, componentes curriculares e unidades temáticas (Brasil, 2017).

Nesses termos a BNCC aponta que a Matemática deve ser pensada como uma disciplina de investigação. Para isso, é necessário que as atividades desenvolvidas em sala de aula sejam atividades genuínas, em que os alunos sejam levados a formular questões, fazer conjecturas, realizar provas e refutações opiniões, apresentar e discutir resultados, argumentar com os colegas e professores acerca da realidade social e matemática que o cerca (Brasil, 2017).

Desse modo, a Matemática passa a ser vista como disciplina útil aos alunos, ajudando-os a compreender, explicar ou organizar sua realidade e nesse contexto a Educação Financeira torna-se necessária para se pensar sobre o cotidiano e toda a sua engrenagem social, econômica e política.

No tópico seguinte “Práticas em Educação financeira: exercitando a BNCC” são apresentadas as atividades que serviram de mote para a construção deste artigo.

### **4 Práticas em Educação Financeira: Exercitando a BNCC**

Apresentam-se agora duas atividades construídas para o ensino da Educação Financeira para alunos do 3º ano do Ensino Fundamental. Destaca-se aqui duas atividades: a) Atividade 1: Conhecendo a História do Dinheiro e b) atividade 2: Conhecendo o Sistema Monetário. Atividades que foram trabalhadas na investigação e apresentadas no produto educacional da dissertação “Educação Financeira: olhar sobre a prática do professor que ensina matemática nos anos iniciais do ensino fundamental” (Souza, 2019).

#### **4.1 Atividade 1: Conhecendo a história do dinheiro**

A proposta “Conhecendo a história do dinheiro” foi o momento inicial para a discussão com as crianças acerca da educação financeira, começada com a história do dinheiro. O caminho percorrido para a construção da atividade mostra que a professora tem a preocupação de contextualizar com os alunos o conhecimento, fazendo uma reflexão na e sobre a ação em sala de aula com os alunos, como nos alerta Schön (2000), ou seja, procura colocar em foco as questões do cotidiano vivenciada por ela. Postura/prática que fica evidente no excerto quando a professora andorinha reflete sobre sua formação no contexto da Educação Financeira: Também achei legal falar para eles da onde é que vem esse dinheiro, Né! O que era um banco? Para que serve um banco? Talvez eles nunca tenham ouvido falar na realidade o que é um banco (Souza, 2019, p.83).

O pensamento exteriorizado no excerto acima é representativo de um profissional que reflete na ação, pois Andorinha preocupa-se com o contexto no qual a aprendizagem é gerada, desde questões simples como se o aluno já ouviu falar sobre banco como questões mais complexas como a utilidade do banco no cotidiano das pessoas (Alarcão, 2005).

Assim, com suas ações, a professora provoca nas crianças um pensar mais crítico sobre a realidade que as circunda. O Quadro 1 sistematiza o trabalho planejado pela professora:

**Quadro 1** - Plano de aula 1 - A história do dinheiro

| <b>Disciplina:</b> Matemática  |   |   |
|--|---|---|
| <b>Turma:</b> 3º Ano   | <b>Nível:</b> Fundamental   |   |
| <b>Conteúdo:</b> A História do Dinheiro  |   |   |
| <b>Objetivos Gerais:</b>   |   |   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- Familiarizar as crianças com a história do dinheiro, despertando para o letramento financeiro;</li> <li>- Garantir o direito de aprendizagem, BNCC (Brasil, 2017) para reconhecer, interpretar e compreender o contexto que envolve as operações financeiras do cotidiano, envolvendo os conteúdos do componente matemático presentes nas atividades de sala de aula.</li> </ul>  |   |   |
| <b>Objetivos Específicos:</b>  |   |   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- Fazer uso dos conhecimentos sobre educação financeira para entender e explicar a realidade a partir da história do dinheiro, BNCC (Brasil, 2017);</li> <li>- Aprender sobre o escambo.</li> </ul>   |   |   |
| <b>Procedimentos de Ensino</b>   |   |   |
| <b>1º Momento</b>  | <b>Recursos</b>   | <b>Procedimentos de Avaliação</b>   |
| Sensibilização dos alunos para o estudo da educação financeira: conversas sobre a história do dinheiro; o surgimento das notas, <i>design</i> , personalidades, notas comemorativas, escambo.  |   |   |
| <b>2º Momento</b>  |   |   |
| Exibição do desenho animado sobre a história do dinheiro;<br>Abertura para o diálogo com pausas na narrativa do desenho, considerando as passagens que despertaram a curiosidade das crianças sobre assuntos diversos.   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Vídeo;</li> <li>- <i>Datashow</i>;</li> <li>- Quadro;</li> <li>- Pincel;</li> <li>- Cédulas;</li> <li>- Informes bancários.</li> </ul> | A avaliação é feita de forma contínua, diagnóstica e processual (Hoffmann, 2000). |
| <b>Referências</b>   |   |   |
| Brasil (2017). Base Nacional Comum Curricular. Recuperado de <a href="http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf">http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf</a><br>Hoffmann, J. M. L (2000). <i>Avaliação: mito &amp; desafio</i> . Recuperado de <a href="http://basenacionalcomum.mec.gov.br/Patrolha%20do%20Saber">http://basenacionalcomum.mec.gov.br/Patrolha do Saber</a> (2021). Recuperado de <a href="https://youtu.be/SJad5nEaSs0">https://youtu.be/SJad5nEaSs0</a> |   |   |

Fonte: Dados da pesquisa.

O plano de aula 1, mostra a professora exercendo o papel de professora-pesquisadora<sup>3</sup>, pois essa era uma exigência da própria atividade que estava sendo desenvolvida em sala de aula, pois a professora precisava conhecer o tema da educação financeira, uma lacuna deixada pela própria formação em Pedagogia. Para garantir que os direitos de aprendizagem dos alunos, a professora precisou se lançar ao desafio da pesquisa e legitimar a sua prática da sala de aula, ressignificando em uma educação problematizadora e libertadora (Freire, 1987).

Pode-se dizer que o projeto de educação financeira para ser desenvolvido com a turma ficou melhor sistematizado com o auxílio das pesquisas nas TIC's, pois as informações acerca dos trabalhos desenvolvidos por vários outros professores, além dos trabalhos de pesquisa sobre o tema, que a professora passou a conhecer na Formação Continuada em Educação Financeira (GEFAM<sup>4</sup>) que estava acontecendo na escola lócus da pesquisa-ação da qual a professora era sujeito pesquisado.

Assim, com base nos procedimentos da pesquisa-ação e colaborativa, a professora construiu juntamente com a pesquisadora as bases para a apresentação da educação financeira as crianças. Um dos grandes desafios foi a decisão de como iniciar a abordagem da educação financeira então, consideraram a indicação dos PCN que orientam que a educação financeira deve ser ensinada com base no cotidiano dos alunos, diluído ao conteúdo de Matemática em um percurso interdisciplinar, colocando o aluno como protagonista de seu próprio conhecimento. O caminho escolhido pela professora com auxílio da pesquisadora foi proporcionar aos alunos uma viagem à origem do dinheiro. Decidiram que no primeiro momento seria feita a exibição de um vídeo intitulado "Patrulha do Saber".

O Desenho animado em foco, direcionado a clientela infantil tem a duração de 11 minutos, está organizado na forma de aventura com o propósito de apresentar os caminhos necessários para o surgimento do dinheiro. O gênero textual desenho animado foi escolhido por ser esse um gênero que dialoga diretamente com o universo infantil, traduzindo-se em uma linguagem de fácil acesso à criança, possibilitando o letramento matemático já que se tratava da história do dinheiro, um tema mais relacionado ao mundo adulto. Nesse caso o desenho animado pode auxiliar a criança a digerir de forma mais bem-humorada e esperta esse assunto que a televisão e a internet transformam em assunto de gente grande.

O vídeo inicia com a história de uma menina que vai a uma banca de bombons com a intenção de fazer o consumo exagerado de balas, o que exige o gasto de bastante dinheiro. Como a menina tinha apenas 1 real, o consumo ficou impossibilitado. A garota começa a se indagar acerca do porquê inventaram o dinheiro. A história é apresentada por meio de muitas aventuras com o propósito de mostrar a história do dinheiro a criança desde o escambo até as transações comerciais que se conhece hoje. Das informações, o destaque para o fato de que no início da civilização, o comércio era na base do escambo, ou seja, na troca de mercadorias, contexto que se aproxima da primeira aventura apresentada no desenho Patrulha do Saber.

As informações obtidas com a pesquisa serviram de

3 Para Nóvoa (2001), o professor pesquisador se caracteriza como o profissional da educação que assume sua própria realidade escolar como um objeto de pesquisa, de reflexão e de análise, ou seja, é o profissional que se constitui em um movimento contra-hegemônico, frente ao processo de desprofissionalização do professor e de instrumentalização da sua prática.

4 GEFAM – Grupo de Ed Financeira da Amazônia, FACECOM – Faculdade de Ciências Econômicas – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas - Universidade Federal do Pará.

conteúdo que possibilitaram a professora contextualizar as questões relacionadas à história do dinheiro. Segundo Pozo (1998), o ensino precisa ser contextualizado e também significativo para o aluno, por isso as ações pedagógicas precisam ser problematizadoras da realidade. Assim, com utilização do gênero desenho animado ficou mais fácil para a professora refletir com as crianças sobre as primeiras moedas fabricadas em ouro e prata surgidas no século VII a.C. e seu interessante e hoje, quase inimaginável, processo de fabricação manual e rudimentar.

A linguagem do desenho animado apresentada para discussão da origem do dinheiro possibilitou ainda que a professora instigasse as crianças a refletir acerca da mentalidade e cultura do povo da época, garante ao aluno seus direitos de aprendizagem. Desenvolvendo, assim, o direito de aprendizagem previsto na Competência 1 da BNCC, a garantia de buscar informações e aplicar o conhecimento no cotidiano, conseguindo usar o que compreendeu da história para fazer conexões com os fatos do cotidiano com o que acontece hoje nas situações financeiras, possibilitando com isso a atribuição de significado ao que está aprendendo e a organização dos conhecimentos adquiridos (Brasil, 2017).

As intervenções da professora serviam para tirar dúvidas das crianças e saciar a curiosidade sobre, por exemplo, a evolução do dinheiro, os vários nomes que o dinheiro recebeu, os animais que estampam as notas atuais etc. Posturas que, segundo D'Aquino (2008), são basilares para a implementação de uma educação financeira de qualidade, ou seja, oriundas preferencialmente de contextos advindos da realidade dos alunos envolvidos.

Para que o aluno compreendesse as informações apresentadas no enredo da narrativa do desenho animado, a professor precisou garantir o direito de aprendizagem do aluno de construir e incorporar estratégias para reter as informações obtidas para que ele se tornasse capaz de utilizar o conhecimento para solucionar problemas diversos como a questão do escambo, prática realizada antigamente por meio de permuta ou troca direta, ou seja, uma transação ou contrato em que cada uma das partes entrega um bem ou presta um serviço para receber da outra parte um bem ou serviço em forma de crédito sem que um dos bens seja moeda. Nesses termos a professora, para garantir a aprendizagem interroga: Ainda se pratica o escambo? Vocês conhecem alguma situação que envolve o escambo? As crianças responderam as indagações da professora, ancorando a resposta a situações do cotidiano (Souza, 2019).

Nesse momento, a professora aproveitou para comparar o escambo ao processo comercial que acontece hoje, informando as crianças que o escambo moderno ocorre quando se guarda um dinheiro no banco e, depois, ao invés de usar o dinheiro se usa o cartão para resgatar, para depositar e, para transferir o dinheiro, ou seja, o dinheiro é substituído pelo cartão. Assim foi possível trabalhar conceitos que fazem parte do universo da linguagem bancária atual, esses conceitos tiveram de ser

explicados para as crianças que adquiriram vocabulário da área financeira para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, aprendendo a opinar acerca do tema expresso na Competência 5 da BNCC (Brasil, 2017).

Embora seja uma Competência ligada mais a área da linguagem, a Competência 5, baseada na Comunicação foi contemplada nesta atividade, pois ao longo da atividade as crianças fizeram muitas perguntas.

Ao longo da atividade, as crianças foram informadas de que aos poucos, como já aconteciam as moedas, os governos passaram a controlar a emissão de cédulas de dinheiro para evitar as falsificações e garantir o poder de pagamento e que, atualmente, quase todos os países possuem seus bancos centrais, que são encarregados de emitir cédulas e moedas.

A Casa da Moeda e seu papel na fabricação do dinheiro também foi alvo de comentários durante a atividade. À medida que a exibição do desenho prosseguia a curiosidade das crianças aumentava: Qualquer um pode fabricar dinheiro? O argumento da professora seguiu no sentido de mostrar que essa era/é uma tarefa governamental e que era/é proibida a fabricação do dinheiro pelo cidadão comum é crime. No momento seguinte, as crianças receberam cédulas de dinheiro real que foi levado pela professora para que os alunos comparassem as imagens para reconhecer uma nota verdadeira por meio de suas marcas de impressão com auxílio do material que foram entregues a elas durante a pausa na narrativa sobre o dinheiro. A figura 1, representa a utilização do material utilizado em sala:

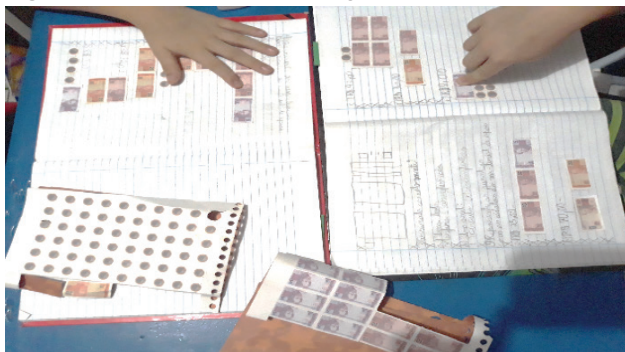
**Figura 1** - As cédulas e moedas



Fonte: Souza (2019).

Além do vídeo, a professora utilizou imagens impressas para que as crianças manuseassem, fazendo a comparação entre as cédulas antigas e as cédulas atuais. Abaixo, o momento da atividade e da curiosidade das crianças, que apontando para as notas questionando sobre a origem do dinheiro e identificando as características das notas. A figura 2, representa esse momento:

**Figura 2** - Curiosidades sobre a origem do dinheiro



Fonte: Souza (2019).

Aproveitando o interesse das crianças, aproveitou para realizar a atividade ilustrada acima, na qual a criança usando o dinheirinho fazia o reconhecimento da nota e preenchia os valores com o dinheirinho. Assim, as crianças realizaram o reconhecimento das notas e das moedas, a soma de valores.

Aqui as atividades se coadunam com os encaminhamentos expressos na BNCC, pois havia, por parte da professora a preocupação com o como o conhecimento adquirido naquela atividade seria utilizado pelos estudantes. Considerando as competências, a matemática deve ser usada para auxiliar no projeto de vida dos alunos, preparando-os para a resolução de problemas: saber que a emissão do dinheiro é função governamental e não uma tarefa do cidadão civil pode mudar muita coisa na mente das crianças, inclusive valores que podem ajudá-las em seu autoconhecimento (Brasil, 2017).

A história do dinheiro é **conteúdo interdisciplinar**, que pode fazer parte de um grande projeto sobre educação financeira. Para ensinar esse conteúdo, a professora precisou mobilizar conhecimentos de História, Ciências, Geografia, Matemática, Artes, isto foi possível através das pesquisas da professora sobre a história do dinheiro, a vida de personalidades que estampam as cédulas, os animais, além de outros temas pertencentes a outras áreas do conhecimento.

As informações de outras áreas do conhecimento forneceram à professora elaborar respostas para perguntas do tipo: Quem eram essas pessoas no dinheiro? Então a professora explicou que Antes da atual moeda, diversas personalidades foram homenageadas. A exemplo de Pedro Álvares Cabral, Santos Dumont e o ex-presidente Juscelino Kubitschek. Somente pessoas podem aparecer nas notas? Seguiram-se as explanações sobre o design atual das cédulas brasileiras, que não homenageiam pessoas, pois em um dos lados da nota, consta a efígie simbólica da República; do outro lado, animais da fauna brasileira - cada nota com um animal diferente. Então, as crianças passaram a questionar acerca dos animais. Que bicho é esse? E a professora continuou as explicações da atividade com a apresentação dos vários animais das notas, mostrando as características dos animais e a importância desses animais para o planeta, para a vida e para a sociedade.

Esses procedimentos estão em consonância com as propostas da BNCC quando afirmam que, o aluno deve ser

compreendido como agente ativo de sua própria educação, fazendo com que saiba identificar problemas, compreender conceitos, propor soluções, interagir com os colegas de classe e argumentar, em outras palavras, aprendizagens sintonizadas com as necessidades dos alunos, gerando maior engajamento e adequando-se aos desafios da sociedade atual (Brasil, 2017).

A atividade também serviu para mostrar as crianças que no mundo moderno, além do dinheiro vivo, impresso em cédulas reguladas pelo Governo, o comércio também usa outros mecanismos financeiros de intenção de pagamento, como o cheque e o cartão de crédito/débito. Essas novas formas ajudaram a dar mais praticidade e segurança para as transações. Encerrado esse momento, o período que antecedeu o encontro seguinte foi de ajuste na proposta feita pela professora e pesquisadora, além da análise da receptividade da ação pelas crianças.

#### 4.2 Atividade 2: conhecendo o sistema monetário

O conhecimento da história do dinheiro trabalhado na atividade 1 serviu para que a professora pensasse em como iria agir para motivar as crianças a participarem de práticas para a formação de um cidadão, que desde muito cedo está aprendendo na escola a como controlar suas finanças, a planejar seu consumo (D'Aquino, 2008).

A análise do contexto das necessidades da turma para a efetivação das atividades do cotidiano escolar e também o interesse pelo tema da educação financeira, que as crianças demonstraram desde o desenvolvimento da atividade 1. Então, a professora propôs as crianças uma atividade que resultou na arrecadação de dinheiro para a participação da turma no festival do cachorro-quente que iria ocorrer na escola. É proposta então uma segunda ação descrita no plano de aula 2, abaixo.

#### Quadro 2 - Plano de aula 2: O sistema monetário

|  |                           |
|--|---------------------------|
| <b>Disciplina:</b> Matemática  |                           |
| <b>Turma:</b> 3º Ano   | <b>Nível:</b> Fundamental |
| <b>Conteúdo:</b> O Sistema Monetário   |                           |
| <b>Objetivo Geral:</b><br>- Possibilitar a vivência de situações envolvendo o sistema monetário para o desenvolvimento do raciocínio lógico matemático.  |                           |
| <b>Objetivos Específicos:</b><br>- Identificar cédulas e moedas do Sistema Monetário Brasileiro e resolver cálculos utilizando estratégias próprias;<br>- Representar por meio da escrita os valores do sistema monetário;<br>- Representar e escrever quantias em reais;<br>- Efetivar a manipulação e o cálculo com dinheiro;<br>- Utilizar o dinheiro para fazer trocas, comparar valores e resolver problemas. |                           |

| Procedimentos de Ensino  | Recursos  | Procedimentos de Avaliação   |
|--|---|--|
| <p><b>1º Momento</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Vivenciar situações envolvendo o sistema monetário para o desenvolvimento do raciocínio lógico matemático.</li> </ul> <p><b>2º Momento</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificação das cédulas e moedas do Sistema Monetário Brasileiro;</li> <li>- Resolução de cálculos utilizando estratégias próprias;</li> <li>- Representação por meio da escrita dos valores do sistema monetário;</li> <li>- Representação por escrito de quantias em reais;</li> <li>- Efetivação a manipulação e o cálculo com dinheiro.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Jogo Dinheirinho</li> <li>- Xerox</li> <li>- Quadro</li> <li>- Pincel</li> <li>- Cédulas e moedas reais</li> </ul> | <p>A atividade possibilitou acompanhar o desempenho do aluno durante o processo de aprendizagem, ou seja, as informações obtidas criaram condições para a professora adequar suas intervenções às necessidades de cada aluno e analisar os resultados obtidos em relação aos objetivos propostos para o estudo do sistema monetário. (Hoffmann, 2000).</p> |
| <p><b>Referências:</b></p> <p>Brasil (2017). Base Nacional Comum Curricular. Brasília.</p> <p>Hoffmann, J. M. L (2000). <i>Avaliação: Mito &amp; Desafio</i>.</p>  |   |  |

Fonte: Souza (2019).

Como mostram os objetivos acima, a etapa de aprendizado sobre a história do dinheiro deixava entreaberta a possibilidade de se ensinar às crianças a resolverem problemas envolvendo finanças. Assim, seria possível dar continuidade ao processo de letramento financeiro já iniciado nas vivências apresentadas no vídeo sobre a criação do dinheiro.

Desse modo, as atividades desenvolvidas com os alunos para o aprendizado do sistema monetário como fonte para a resolução de problemas matemáticos dão conta de que os conteúdos da Matemática Financeira podem ser introduzidos a partir da contextualização dos problemas e de conteúdos como as quatro operações, assunto que pode servir de ferramenta para que o aluno do 3º ano do ensino fundamental interprete e analise matematicamente alguns fatos, o que pode se dar por meio do conhecimento do valor das cédulas como exemplificado na Figura 3.

Figura 3 - Conhecendo as cédulas



Fonte: Souza (2019)

Para o desenvolvimento das atividades sobre o sistema monetário brasileiro, a professora teve de realizar a revisão dos conhecimentos prévios dos alunos acerca dos números, pois esses conhecimentos eram fundamentais para que as crianças se motivassem ao aprendizado do sistema monetário. Para isso, foram revisados conceitos matemáticos referente ao tema sistema monetário: operações básicas (adição, subtração, multiplicação e divisão), etc., através de exposição teórica, utilizando o livro didático, lousa, pincel e outros recursos. A dinâmica foi feita utilizando o Dinheirinho, um jogo composto por cédulas e moedas de brinquedo do sistema monetário atual (Real).

Figura 4 - Dinheirinho



Fonte: Souza (2019).

Os alunos já haviam manipulado o dinheiro verdadeiro, agora iriam trabalhar com as réplicas de brinquedo do jogo do dinheirinho. Primeiramente a professora falou sobre o jogo. O entusiasmo foi geral, todas as crianças querendo receber o dinheirinho. Então a professora explicou a dinâmica, antes de entregar as cédulas as crianças.

No primeiro momento, foram apresentadas as moedas e cédulas que compunham o jogo. Depois esse material foi entregue aos discentes para que com o manuseio do dinheiro de brincadeira (o sistema monetário brasileiro) se familiarizarem e aprendessem a solucionar problemas matemáticos e do cotidiano, usando conscientemente o dinheiro. Assim, usando algumas situações problemas do cotidiano a professora estimulou os alunos a trocar opiniões entre si sobre as situações de troca, venda que estão presentes no dia-a-dia deles.

Nos problemas matemáticos, envolvendo as quatro operações, os alunos ora compravam, ora vendiam ora faziam sugestões sobre produto, passavam e recebiam o troco como em um grande comércio. O que se privilegia com essa atitude é o incentivo ao uso consciente dos conhecimentos adquiridos na resolução dos problemas diários, o que exige uma resposta em consonância com os direitos universais, éticos e humanos com ações que façam valer a justiça social e a sustentabilidade ambiental, conforme pressupostos expressos na BNCC (Brasil, 2017).

No segundo momento, os alunos foram separados em



dupla. Cada dupla recebeu cédulas e moedas (R\$ 0,05; R\$ 0,10; R\$ 0,25; R\$ 0,50, R\$ 1,00; R\$ 2,00; R\$ 5,00; R\$ 10,00; R\$ 20,00; R\$ 50,00 e R\$ 100,00) para usarem em suas transações comerciais. Com o dinheirinho as crianças compravam, recebiam e davam o troco e poupavam, como ilustrado abaixo:

**Figura 5** - Aprendendo o valor do dinheiro



Fonte: Souza (2019)

Nessa atividade, é importante que seja dado um tempo de pelo menos 10 minutos para que as crianças manuseiem as cédulas e moedas e façam o reconhecimento dos valores de cada dinheiro. Será essa habilidade de reconhecimento do sistema monetário mais o conhecimento das quatro operações matemáticas que irão ajudá-los na resolução dos desafios que foram propostos a dupla pela professora:

- Desafio 1: Quem consegue montar R\$ 7,00, utilizando para isso três notas e quatro moedas?
- Desafio 2: Quem consegue montar de várias maneiras a quantia de R\$ 1,00, usando para isso moedas iguais?
- Desafio 3: Quem consegue montar R\$ 0,50 com 7 moedas?
- Desafio 4: Quem consegue descrever as notas e moedas da dupla e somar todo o dinheiro para saber quanto cada dupla recebeu?

A atividade proposta pela professora, enquadra-se nos temas transversais, segundo os PCN (Brasil, 1999), pois permeiam todas as áreas ao permitir, por exemplo, que a aprendizagem sobre o sistema monetário brasileiro articule a aprendizagem matemática à aprendizagem de outras áreas do conhecimento: a) o ensino da História quando os alunos assistiram ao vídeo sobre a história do dinheiro; b) o ensino de Ciências quando a criança é levada a pesquisa e descoberta dos animais que estampam a moeda atual; c) o ensino de Português quando o destaque é dado ao aprendizado de vocabulários como sistema monetário, juros, depósito, saque. São informações que podem até ser bem explorados na aula de Português, mas isso não tira do professor que ensina matemática a curiosidade pela pesquisa que poderá ser usada como fonte de informação nas aulas sobre educação financeira.

Nesse sentido, destaca-se que a compreensão do contexto transdisciplinar que envolveu as atividades sobre o sistema monetário exigiu por parte da professora, a reflexão na ação,

nos termos de Thiollen (2011), pois as situações que surgiram no desenvolvimento das atividades em sala de aula, levaram a professora a tomar atitudes de pesquisadora para que pudesse adequar a atividade desenvolvida à competência 2 da BNCC, ou seja, exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas (Brasil, 2017).

A atividade, desenvolvida com a turma, com o intuito de promover o exercício mesmo da curiosidade intelectual, percebeu-se que tanto alunos quanto a professora foram levados a recorrer às abordagens das ciências para pensar criticamente a contextualização das situações-problema do componente matemático. Os desafios propostos nas atividades foram pensados considerando que o professor deve preparar as atividades didáticas que levem os alunos a repensar o próprio processo de sistematização do conhecimento. Este é um bom momento para aproveitar o tempo das atividades para discutir sobre o próprio aprendizado e as necessidades da turma, claro, considerando a complexidade da turma e a faixa etária. O trabalho com o sistema monetário pode possibilitar maior interação social entre os alunos de discussão sobre as compras a serem feitas, sobre as vendas, o que potencializa a situação da aprendizagem.

A contextualização e o uso de situações-problema são importantes em todas as áreas, o conhecimento deve andar de mãos dadas com sua aplicação, pois segundo a BNCC, o conhecimento só se torna útil quando aplicado nesses termos (Brasil, 2017).

Nesse sentido, as orientações dadas às crianças devem ser encaminhadas para que estas pensem sobre a origem do dinheiro, compreendam, por exemplo, que o escambo cedeu lugar ao banco, que a troca continua existindo, mas a praticidade da vida contemporânea não permite que se transporte uma vaca para trocá-la por especiarias.

Assim, a competência 2 da BNCC (Brasil, 2017), valoriza, portanto, a utilização prática do conhecimento, que, no caso da atividade ocorreu na exibição do vídeo sobre a criação do dinheiro, no desafio dado aos alunos para resolução de problemas matemáticos, na exposição oral da professora explicando a atividade, nas interações dos alunos. Em todos os momentos da atividade, houve a prevalência do diálogo, conforme Freire (2005):

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (Freire, 2005, p.91).

Para Freire, a prática dialógica somente é possível quando

educadores acreditarem no diálogo como um fenômeno humano, capaz de mobilizar o refletir e o agir dos homens e mulheres.

Ao finalizar a atividade sobre sistema monetário, a professora fez o *feedback*, focalizando suas reflexões naquilo que o aluno já é capaz de fazer em vez daquilo que ele ainda não sabe (mas pode ser orientado a saber), o aprendizado sempre ocorrerá, porém não no mesmo nível de desenvolvimento a todos os alunos. Perguntas do tipo: O que vocês aprenderam? Qual a maior dificuldade? O que foi mais interessante? Quais regras do jogo vocês gostariam de mudar? Vocês acham que esses valores estão de acordo com o produto? Quanto deveria custar esse produto?

Essas foram questões que conduziram à avaliação diagnóstica das atividades. O objetivo da atividade é fazer com que todos aprendam, por isso a preocupação em informar o que vai ser visto em aula e o porquê de estudar aquilo. É o reflexo de um pensamento avaliativo diagnóstico (Hoffmann, 2000).

A principal finalidade das atividades foi acompanhar o desenvolvimento e desempenho do aluno durante o processo de aprendizagem, ou seja, as informações obtidas criaram condições para a professora adequar suas intervenções às necessidades de cada aluno e analisar os resultados obtidos em relação aos objetivos propostos (Hoffmann, 2000).

Desse modo, no decorrer das aulas, a atenção da professora voltou-se para saber se: o aluno estava compreendendo as informações, se já conseguia fazer uso do sistema monetário; se utilizava técnicas operatórias para adição; se utilizava diferentes maneiras para desenvolver o raciocínio lógico; se era capaz de representar números e resolver situações-problema utilizando o sistema monetário. Durante todo o processo, houve o registro das atividades e das impressões da professora acerca da dinâmica adotada e do progresso dos alunos.

A prática investigada não foi tratada aqui com foco nas estratégias do ensino de conteúdos matemáticos e seus conceitos, os quais foram abordados em sala de aula no decorrer da pesquisa, mas em relação as estratégias de ensino e de aprendizagem das situações financeiras nascidas nas práticas da professora que ensina Matemática no 3º ano. Os dados coletados foram levantados segundo uma abordagem qualitativa à luz da pesquisa-ação, aos moldes de Thiollent (2011), bem como organizados e tratados com a técnica da análise de conteúdo.

Para Thiollent (2011), a pesquisa-ação tem por base a autorreflexão coletiva, empreendida pelos próprios participantes de determinado grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais. Portanto, a pesquisa-ação assenta-se na colaboração como é possível perceber na reflexão da professora, quando afirma que:

Possibilitar também o olhar crítico deles dos diferentes produtos e serviços né que nós temos como consumo

desnecessário, às vezes, a gente tem o básico e acaba procurando o que não é necessário pra gente e acaba gastando sem necessidade (Souza, 2019, p.80).

A fala da professora mostra a preocupação com o consumo desnecessário, que se incentivado desde a infância tende a provocar o endividamento. Nesse sentido, é importante que a escola introduza a educação financeira na vida de uma criança pequena, pois esse é um assunto que dificilmente surge no seio familiar, mas que precisa ser tratado na escola.

D'Aquino (2008), destaca que é importante que a família mostre a criança as diferenças e as importâncias entre o querer e o precisar. A autora lembra que desde muito pequena a criança já compreende a dinâmica do uso do dinheiro, pois já pede, desde muito cedo, a compra de produtos e brinquedos, isso é indicativo de que a criança sabe que dinheiro existe, sabe para que o dinheiro serve para comprar coisas.

Segundo D'Aquino (2008), esse é o momento de os pais iniciarem uma "educação financeira" sem pressão ou falso moralismo, deixando escapar certos conceitos como o de caro, barato e querer e precisar, mostrando que o que precisamos deve vir antes. Com isso, o pai mostra a criança que o uso do dinheiro exige racionalidade.

Para D'Aquino (2008, p.36), "o modo como cada um de nós lida com as finanças reflete nossas emoções, ambições, valores e sentimentos de autoestima. Não por acaso a vida financeira das pessoas conta quase tudo sobre o modo como elas veem a si e aos outros", pois as pessoas constroem as bases de suas relações com o dinheiro até por volta dos 5 anos de idade. Portanto, certas atitudes que funcionaram na infância e levaram-nos a conseguir os resultados desejados foram, em boa parte, os responsáveis pela formação da mentalidade financeira que temos hoje.

Se quando crianças os pais não impuserem limites às vontades consumistas de seus filhos, segundo D'Aquino (2008), essas crianças crescerão adultos mimados que acharão que o mundo inteiro lhes deve favores que teriam de ser pagos ao adulto egocêntrico que esta criança se tornou.

Mas como diz a autora há conserto para aqueles que não se educaram financeiramente quando crianças, ainda é possível se alfabetizar financeiramente quando adultos, a questão é que é muito mais privativa a educação e sofrida. Por conta disso, é melhor receber, ainda criança, educação em relação ao dinheiro.

Esse pensamento conduziu a professora à construção de uma sequência didática, implementada e apresentada como produto educacional de uma dissertação de mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática do Instituto de Educação.

## 5 Conclusão

As reflexões colocadas aqui acerca do debate da educação financeira no ensino fundamental menor não esgotam o assunto, ainda pouco estudado, mas já representam um grão

de mostarda<sup>5</sup> semeado sobre o tema na comunidade científica. Seu legado, talvez esteja em descortinar para o professor as possibilidades de trabalho pedagógico com a educação financeira para crianças, mostrando que é possível ensinar as crianças a importância de se fazer um planejamento financeiro para adquirir bens de consumo, auxiliar no planejamento doméstico e iniciar uma nova cultura relacionada a consumo.

As atividades experienciadas ao longo da pesquisa demonstram que não há fórmula mágica para desenvolver uma prática pedagógica fundada nos princípios da equidade humana que para ser garantida é necessária educação financeira que possibilite às crianças diferenciar desejo de necessidade ou dirimir a dúvida entre comprar e esperar, sabendo diferenciar o que é essencial para si e quais estratégias deve traçar para atingir seus objetivos, adquirindo independência financeira para que no futuro fique livre dos endividamentos que assolam a vida de muitos brasileiros.

A atividades serviram também para auxiliar na sistematização e planejamento das práticas. Em um contexto no qual educadores convertem-se em investigadores ativos-críticos de suas práticas na busca de compreendê-las, melhorá-las e transformá-las. O desenvolvimento das etapas da sequência didática demonstrou que o próprio cotidiano dos alunos que desempenham papel de consumidores justifica a presença da educação financeira nos anos iniciais do ensino fundamental.

A pesquisa mostrou que crianças podem adentrar no campo das práticas sociais e aprender sobre operações financeiras simples como depositar, sacar e que os conhecimentos matemáticos podem ajudá-las a solucionar problemas-matemáticos, agindo com autonomia, cooperação, investigando a própria realidade, o que justifica a abordagem da educação financeira como organizador de ações educativas para o trabalho com crianças no 3º ano do ensino fundamental.

É premente a efetivação da Educação Financeira nas escolas, já que o governo já tornou curricular a disciplina. Agora parece que a questão estaria em desmitificar o caráter elementar que a educação financeira adquiriu no espaço escolar, o que auxiliaria na crença por parte da própria

população acerca dos benefícios, que uma educação financeira pode trazer para a vida das pessoas.

## Referências

- Alarcão, I. (2005.). *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Brasil (1999). *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12640:parametros-curriculares-nacionais-1o-a-4o-series>
- Brasil (2017). *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Recuperado de [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf)
- D'Aquino, C. (2008). *Educação Financeira: Como educar seu filho*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2005). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hoffmann, J. M. L. (2000). *Avaliação: Mito & Desafio*.
- Nóvoa, A. (Coord) (1995). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote.
- Piletti, N. (1994). *História da educação no Brasil*. São Paulo: Editora Ática.
- Pinto, A.H. (2017). A Base Nacional Comum Curricular e o Ensino de Matemática: flexibilização ou engessamento do currículo escolar. *Bolema*, 31(59), 1045-1060.
- Schön, D.A. (1992). Formar professores como profissionais reflexivos. In A. Nóvoa (Coord.), *Os professores e a sua formação*. (pp.77-91) Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Souza, S.H.S. (2019). *Educação Financeira: olhar sobre a prática do professor que ensina matemática nos anos iniciais do ensino fundamental* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil.
- Thiollent, M. (2011). *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez.
- Tenuta L., Chica C., Barnabé F. (2018). *Novos temas e reorganização das áreas são as principais novidades em Matemática*. Recuperado de <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/32/novos-temas-e-reorganizacao-das-areas-sao-as-principais-novidades-em-matematica>.

---

5 Seu nome científico é *Sinapis nigra*, era cultivada nos hortos da Palestina, pelas propriedades medicinais que apresentava. Jesus afirma que ela é a menor das sementes. Havia um dito popular, de comparação de tamanho, entre os judeus, que dizia “pequeno como um grão de mostarda”. Na Palestina, a mostardeira alcançava facilmente três metros de altura.